

Um estudo sobre a tripartição dos setores dos apartamentos em João Pessoa

Patrícia Olveira ^[1], Maísa Beatriz Silva ^[2], Joana Darc Costa ^[3], Alexandra Meira ^[4]

[1] patricia.regoliveira@yahoo.com.br; UFPB - (83) 9695-0728. [2] biafausto@hotmail.com; IFPB. [3] darc_lucio@yahoo.com.br; UFPB. [4] alexrmeira@uol.com.br; IFPB.

RESUMO

Na Idade Média, a Europa tinha habitações que se apresentavam como um grande espaço, onde se realizavam atividades de cozinhar, comer, dormir, etc. Em meados do século XIX, essas habitações começaram a reproduzir os padrões burgueses parisienses, caracterizados pela tripartição. A esse modelo de partição coube o papel de fragmentar a habitação nos setores: social, íntimo e de serviços. Desta feita, este artigo objetiva analisar os apartamentos de João Pessoa entre 2006 e 2011, com foco nessa tripartição burguesa da habitação. Para tanto, a princípio, levantou-se o número de prédios residenciais em construção, a partir de 4 pavimentos, obtendo-se o universo de 597 empreendimentos, do qual retirou-se uma amostra de 240 edificações. Coletou-se plantas de folders ou de projetos obtidos diretamente com construtoras, que foram lançadas no AUTOCAD e analisadas tipologicamente. A partir dessas análises, buscou-se verificar as mudanças ocorridas nos apartamentos, tais como: percentuais de áreas destinadas a cada setor e quantidade de cômodos. Percebeu-se que a influência da tripartição burguesa na habitação ainda é muito forte desde os apartamentos mais simples aos de padrão mais elevado. Comprovou-se isso a partir da quantidade de apartamentos separados em setores funcionais.

Palavras-chave: Tipologia, Tripartição, Habitação, Setores.

ABSTRACT

During the Middle Ages, in Europe, the dwellings were presented as a large space where activities were realized to cook, eat, sleep and work. In the mid-nineteenth century these homes began to reproduce the Parisian bourgeois standards, characterized by tripartite in prestigious spaces, isolation and rejection. In this partition model fit the role of fragmenting the dwelling sectors: social, intimate and services. This article aims to analyze the production of João Pessoa apartments between 2006 and 2011, focusing on this tripartite bourgeois dwellings. Therefore, initially, it was investigated the number of residential buildings under construction, from 4 floors, yielding a universe with 597 projects which exited from a sample of 240 edifications. It was collected plants from folders or projects directly by local builder that were later released in AUTOCAD and analyzed typologically, using Excel. Based on this analyzes it was verified the apartment modifications, such as percentage of area for each sector and rooms numbers. It was proved from the quantity of apartments divided in functional sectors.

Keywords: *Tipology, Tripartite, Dwelling, Sector.*

1 Introdução

No período correspondente ao da Idade Média, na Europa, as casas se apresentavam, geralmente, como um grande espaço, onde se realizavam atividades de: cozinhar, comer, dormir e trabalhar. À habitação se dava a conotação de um ambiente público, considerando que se tratava de um local voltado à produção e aos negócios, habitada por pais, filhos, outros parentes, além de serviçais e aprendizes (LE GOFF, 1998 apud QUEIROZ, 2008). Nessa época, predominava a existência do clã, já que um grupo grande de pessoas (familiares ou não) estava submetido ao chefe da casa.

No século XVI, o grupo familiar restrito passa a ocupar o lugar do clã, ainda muito presente. Apesar de a tendência de nuclearizar a família ser consolidada no século XIX, é às margens do século XX que a família nuclear, inicialmente característica das classes dominantes, tem sua aceitação como modelo de família “moderna”. Essa realidade está diretamente relacionada ao processo de industrialização, uma vez que o modo de produção baseado na mão-de-obra da família extensa vê-se substituído, agora, pelos patrões e empregados (TRAMONTANO, 1993).

Concomitantemente a essa transição estão ocorrendo os primeiros indícios da crise da habitação, a exemplo do exacerbado aumento da população, concentrada na região central, devido às mais diversas causas, tais como: queda da taxa de mortalidade e êxodo rural, que vai aumentar a população industrial ativa dos aglomerados urbanos, em decorrência das novas técnicas agrícolas. A burguesia, em contrapartida, é a maior beneficiada no processo de industrialização, uma vez que, mesmo não sendo uma classe uniforme, seus membros comungam de um mesmo sistema de valores.

Agora, a habitação para a burguesia representa a grande vitrine do êxodo social. Especialmente por isso, a presença de empregados domésticos tornou-se indispensável, mesmo que relegados aos piores espaços da habitação. A organização espacial da habitação burguesa era assim distribuída:

As dependências de prestígio - salas e, eventualmente, quartos – voltam-se para a fachada principal: sobre o pátio de entrada no caso dos palacetes da alta burguesia; sobre a rua no caso dos grandes apartamentos dos menos ricos. As exigências de privacidade escondem dos olhos do visitante e do público

e os espaços íntimos. Banheiro – quando existem, cozinhas e quartos de empregados, são considerados “espaços de rejeição” [...] os espaços de higiene são, via de regra, cômodos pequenos e mal ventilados que abrigam um amontoado de bacias e vasos (TRAMONTANO, 1993, p.10).

A partir dessa descrição, percebe-se uma subdivisão de setores, dentro de um mesmo espaço. Desta forma, conforme Tramontano (1993), está consolidada a tripartição burguesa da habitação: espaços “sociais”, os chamados representativos, espaços “de serviço”, também conhecidos como de rejeição e, finalmente os espaços “íntimos”. “A esta estanqueidade de áreas, soma-se o desejo de separação entre o ‘interior-família-segurança’ e o ‘exterior-estranho-perigoso’ devido ao pavor à rebeliões populares” (p.12).

Essa organização espacial com espaços funcionalmente estanques e hierarquizados, em três setores, conforme suas funções, foi difundida e consolidada pelo mundo, podendo ainda ser encontrada, nos dias atuais, nas plantas baixas de apartamentos (QUEIROZ, 2008). À tripartição burguesa coube o papel de fragmentar a habitação, em especial os apartamentos, nas três zonas já anteriormente mencionadas - social, íntima e de serviço.

Ainda de acordo com Queiroz (2008), no Brasil, busca-se sempre dividir os apartamentos, inclusive os pequenos, em três setores, nos quais a sala de estar - ainda que tenha denominação de estar social -que funciona como sala de estar íntima, é sempre projetada como o cômodo da frente. Neles, a entrada se dá sempre através das salas de estar e jantar, que também atuam como o centro de distribuição e circulação dos setores: íntimo e de serviço. Completa o autor “no apartamento brasileiro, dizer que há três setores funcionais, significa dizer também que a divisão é física: três setores são traduzidos como três blocos distintos[...]”. Distingão essa, que se torna ainda mais nítida com o aumento da área do apartamento, considerando que as cozinhas são quase sempre isoladas e se torna mais comum a presença de porta que serve para isolar o acesso ao corredor dos quartos.

Embora se saiba que esse perfil de organização espacial dos apartamentos se consolidou em todas as regiões do país, especificamente na cidade de João Pessoa, não há estudos que comprovem a

materialização desse perfil espacial localmente, detalhando as características intrínsecas de distribuição dos ambientes, nem tampouco possíveis alterações surgidas ao longo dos últimos anos.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca apresentar uma contribuição, a medida em que se propõe a analisar de forma quantitativa a organização espacial dos apartamentos construídos em João Pessoa, à luz da tripartição setorial.

A fim de se estabelecer uma melhor compreensão do que se trata cada setor ou zona, percebeu-se a imprescindibilidade de conceituá-los.

2 Setores

2.1 Social

O setor social é aquele no qual se encontram os ambientes de prestígio e de recepção, como: varanda, salas e bares ou ambientes afins em apartamentos luxuosos.

A varanda foi trazida para o Brasil pelos portugueses, entre os séculos XVI e XIX e tem a sua origem na cultura moura e asiática (BRANDÃO, H., 2007). Entre as décadas de 50 e 90 assumiu diversos papéis, desde observação a um ambiente de convívio. Entretanto, foi a partir dos anos 2000 que a varanda passou a ter relevância nos projetos de apartamentos, passaram por um aumento de área, consolidando-se como um novo cômodo. Recebeu mobiliário e equipamento específico para o preparo de alimentos, bem como a realização de refeições, originando o que se chama hoje de varanda gourmet.

No século XVII, ao meio-dia, a sala era retirada e as pessoas se sentavam à mesa e faziam as refeições e, no início da tarde, desmontava-se a mesa, que virava um grande sofá (QUEIROZ, 2008). De acordo com Camargo (2003), no século XX já ocupava localização privilegiada e estava inserida, na zona de prestígio.

2.2 Íntimo

O setor íntimo é o espaço no qual se encontram os ambientes mais reservados, dentre os quais estão presentes: quartos, suítes, semi-suítes, banheiros e escritórios.

O quarto, até o século XVI, dividia o mesmo espaço físico que a sala, mas tinha a função de dormir à noite (QUEIROZ, 2008). Já no século XX os quartos não apresentavam apenas função de dormitórios,

mas sim de várias atividades (CAMARGO, 2003), lugares “transformados em espécies de células individuais super-equipadas e conectadas”, conforme Queiroz (2008).

Ao serem inseridos no quarto, o sanitário privativo e/ou closet, surge um novo cômodo, denominado suíte (CAMARGO, 2003). Leva-se a crer que “a proliferação de suítes seria um questão de afirmação social (LEMOS, 1989 apud QUEIROZ, 2008). Mais recentemente, tem aparecido um outro cômodo bastante semelhante a suíte, denominado semi-suíte, que se caracteriza por dividir seu banheiro com outra semi-suíte ou com os usuários externos. Ora como quarto, quando seu acesso ao banheiro está interrompido e ora como suíte, quando tem acesso a esse mesmo banheiro.

O banheiro, que anteriormente se encontrava inserido na zona de exclusão das residências, agora ganhou mais espaço na moradia, tanto em termos de quantidade, quanto em termos de área útil, equipado até com banheira (CAMARGO, 2003). O banheiro reversível se trata de um banheiro comum a duas semi-suítes. O lavabo também é um cômodo muito presente nos apartamentos modernos, quase que exclusivamente em apartamentos de alto padrão, nos quais todos os quartos apresentam banheiros privativos (suítes), deixando para ele a função de substituir o banheiro social (COSTA et al, 2012).

2.3 De serviço

O setor de serviço é caracterizado como a zona da habitação destinada à realização do trabalho doméstico. Nessa zona estão presentes: cozinha ou copa/cozinha, área de serviço e copa, despensa e dependência completa de empregada (DCE).

Na cozinha, até por volta do século XVII, realizavam-se diferentes funções como: o ato de cozinhar, a limpeza dos utensílios domésticos, a higiene pessoal, a integração social e o ato de dormir da criadagem. Até o século XVIII, o modelo tradicional de cozinha chegou ao Brasil, trazido pelos portugueses, mas funcionava ao ar livre, longe do corpo principal da casa (CAMPOS, RIBEIRO e SOUZA, 2008). Já a partir do século XX, a cozinha tradicional dividiu espaço a outros tipos de cozinhas, tais como: a copa/cozinha, a cozinha integrada à sala de jantar, mais conhecida como cozinha americana e a cozinha integrada à área de serviço.

Nos primeiros anos do século passado, a área de serviço nem sempre se encontrava claramente

configurada. Assim sendo, leva-se a crer que os terraços posteriores dos apartamentos apresentavam essa função (PINHEIRO, 2008). Atualmente, suas áreas se encontram cada vez mais reduzidas e algumas vezes, não raras, elas ainda dividem espaço com a cozinha.

Nas primeiras décadas do século XX, em São Paulo, era comum a concentração dos quartos de empregada no último pavimento do prédio (PINHEIRO, 2008). Nos dias de hoje ainda existe essa segregação, todavia menos evidente, uma vez que os quartos de empregada estão inseridos no próprio apartamento, possivelmente por questões de espaço e até mesmo praticidade.

3 Conceituando tipologia

Conforme Brandão (2003), o termo tipologia admite variações nos níveis de detalhamento. O autor elenca três níveis diferentes: o primeiro, bem menos abrangente, no qual estão inseridas as edificações de forma geral; o segundo, mais abrangente, considerando apenas as tipologias de habitação multifamiliares, no que diz respeito aos formatos e volumetrias dos edifícios e posicionamento do terreno (tipo de implantação) e o terceiro, num nível bem mais específico, o qual será trabalhado neste artigo, enfoca a planta do apartamento, a unidade habitacional.

No primeiro nível, o termo “tipologia” pode ser classificado, conforme o professor Nelson Souza em: edifícios/edificações para a sobrevivência (de habitação, alimentação e saúde); edifícios para a produção (de venda, transporte, crédito e comunicação); edifícios para a organização (de

administração, legislação e segurança) e edifícios para o desenvolvimento (de atividades culturais, religiosas, educacionais e recreativas) (GRAEFF, 1986, grifo nosso).

Para compreender o segundo nível, Schneider (2006) classifica a edificação residencial multifamiliar ou edifícios residenciais verticalizados da seguinte forma: bloco definidor de quadra urbana; vazios urbanos; edifícios de esquina; paredes cegas; estruturas solitárias; blocos lineares independentes; torres residenciais – enfoque da pesquisa; construções em terraços e estruturas configurando espaços. Considera-se pertinente acrescentar que, na cidade de João Pessoa, esse nível de detalhamento é definido como “classificação tipológica quanto ao uso e ocupação do solo”.

No terceiro e último nível, o termo “tipologia” é utilizado na arquitetura para “designar a forma-base dos edifícios, a estrutura interna da forma” (MARTINEZ, 2000 apud Brandão, 2003).

O conceito de tipologia perpassa o programa de necessidades e analisa outras características, tais como: circulação interna, critérios de interconexão e distribuições. Neste mesmo trabalho, o autor enfoca o termo tipologia na forma específica, para identificar as variantes básicas de constituição dos apartamentos, a partir de quatro atributos usados no mercado imobiliário brasileiro: número de quartos, suítes, banheiros, bem como a existência ou inexistência de dependências completas de empregada (BRANDÃO, 2003). Para tanto, Brandão desenvolveu a convenção a seguir apresentada, na Figura 1.

Figura 1 – Convenção adotada para designação das tipologias de apartamentos.



Fonte: BRANDÃO (2003)

Embasando-se nessa convenção de Brandão, desenvolveu-se três convenções tipológicas distintas, para cada um dos setores dos apartamentos tripartidos: social (Figura 2); íntimo (Figura 3) e de serviço (Figura 4).

Figura 2 – Convenção desenvolvida para representar o setor social.

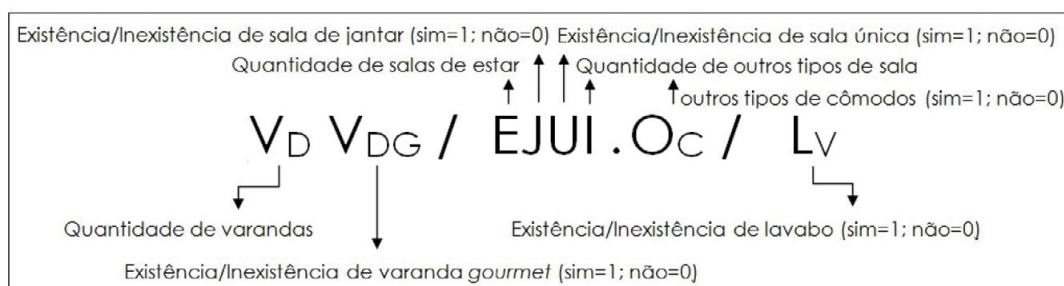


Figura 3 – Convenção desenvolvida para representar o setor íntimo.

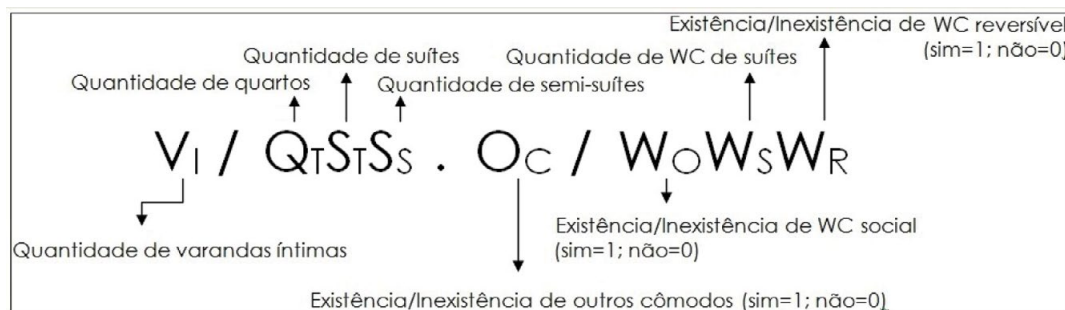
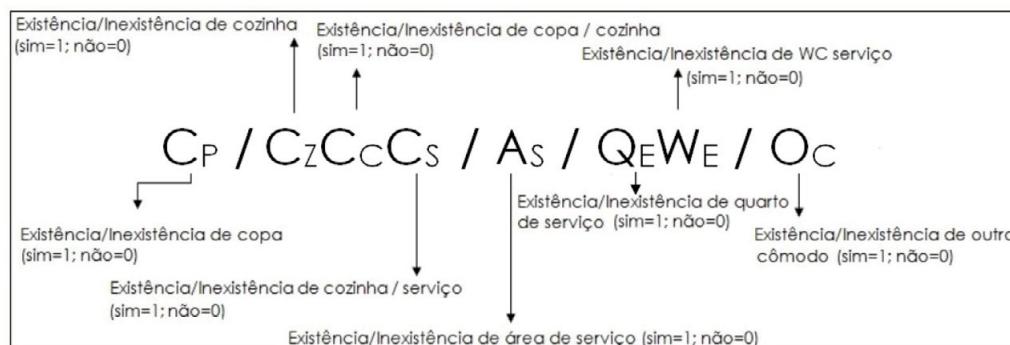


Figura 4 – Convenção desenvolvida para representar o setor de serviço.



O presente artigo tem como enfoque a análise dos apartamentos organizados espacialmente, a partir da tripartição burguesa da habitação, utilizando as convenções aqui definidas.

4 Metodologia

Existem vários tipos de pesquisa, com diferentes taxionomias. Vergara (2005) propõe dois critérios básicos, relativos aos fins e aos meios. Diante da classificação da autora, a presente pesquisa apresenta as seguintes características:

Quanto aos fins, é classificada como exploratória. Embora já se tenha um considerável volume de trabalhos na área, pouco se investiga sobre o assunto na cidade de João Pessoa. A pesquisa também é considerada descritiva, porque se propõe a descrever as características das moradias, em termos de setorização dos ambientes.

Quanto aos meios, é classificada como pesquisa bibliográfica, em função de toda a revisão bibliográfica realizada ao longo do trabalho, que serviu de suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de João Pessoa, onde se procedeu, com o levantamento, junto ao Setor de Registros, no anexo da SEPLAN (Secretaria do Planejamento), do número de imóveis residenciais verticais, tomando-se como parâmetro o período de 2006 a 2011. Procedeu-se com a consulta e coleta das informações contidas nos livros de alvará, tais como: identificação da pessoa física ou jurídica, endereço, tipologia construtiva e bairro, levantando-se um universo de 597 empreendimentos já edificados ou em construção, a partir de 4 pavimentos. Em função da grande quantidade de plantas, optou-se por trabalhar com uma amostra representativa do universo. Assim, partindo-se dos princípios da estatística, adotou-se um erro amostral de 5% e um nível de confiança de 95,5%, obtendo-se uma amostra de 240 empreendimentos.

Num segundo momento, partiu-se para a coleta de folders e de material obtido através do contato com algumas construtoras locais. Ressalta-se que os 240

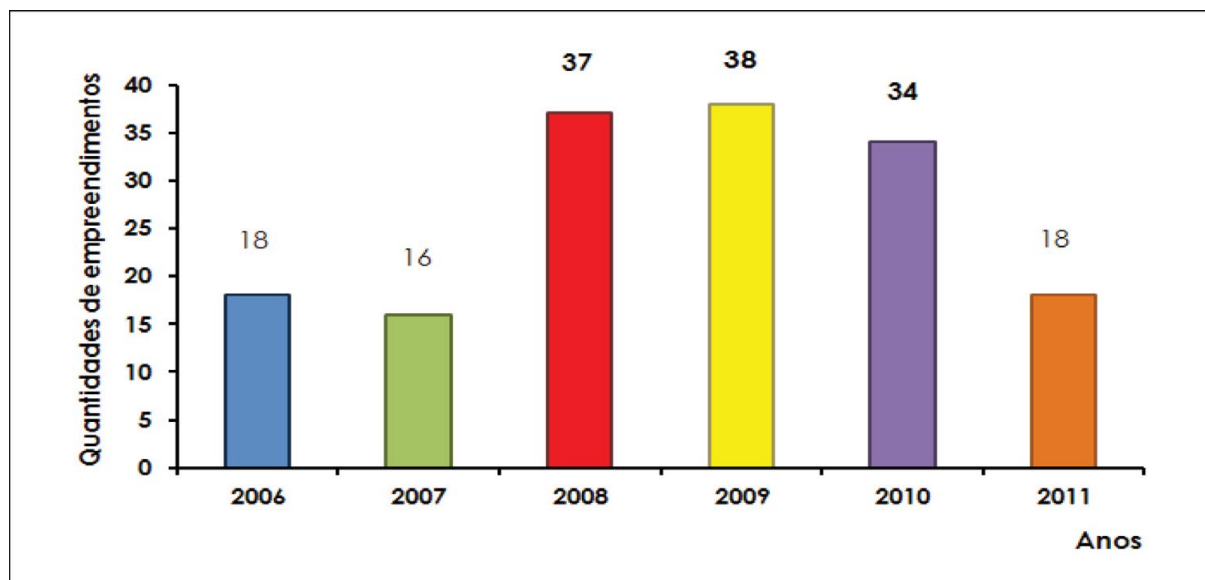
empreendimentos da amostra foram representados por 240 plantas baixas de apartamentos, isto é, mesmo havendo empreendimentos com variadas tipologias de apartamentos, considerou-se apenas uma tipologia por imóvel.

Em seguida, todos os dados foram lançados no software AUTOCAD. Só assim, foram realizadas as análises tipológicas, com auxílio do software Excel.

5 Resultados

Os resultados a seguir apresentam as análises realizadas nos apartamentos tripartidos, ou seja, 161 unidades das 240 da amostra, estabelecendo relações entre os três setores funcionais anteriormente descritos e entre esses setores e as áreas dos apartamentos. Na Figura 5 encontra-se representada a distribuição, ao longo dos anos, das quantidades de apartamentos tripartidos.

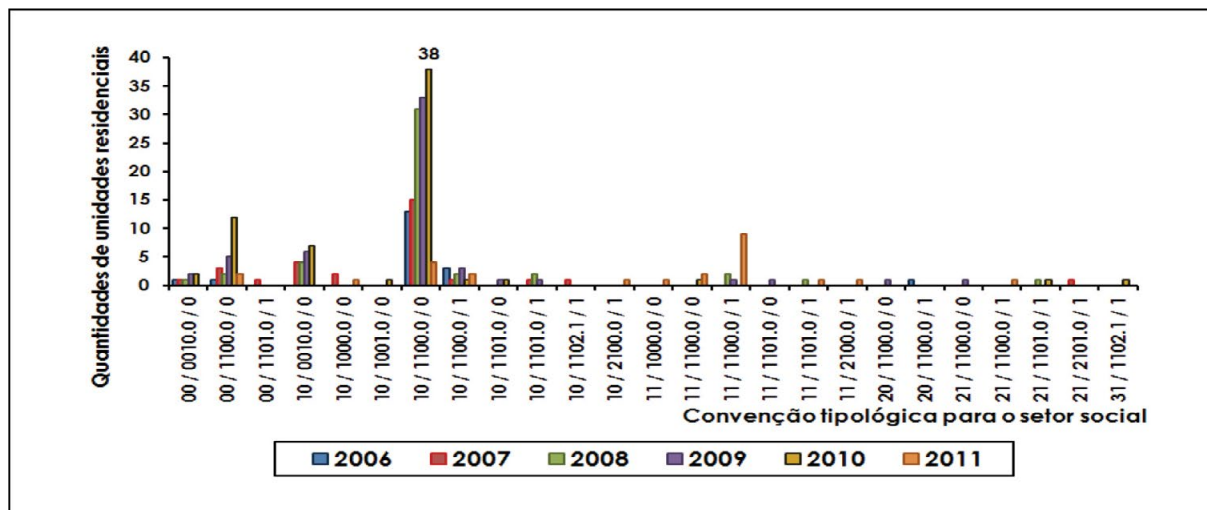
Figura 5 – Distribuição das quantidades de unidades tripartidas (2006-2011)



Percebe-se que ao longo do período estudado, os anos de 2008, 2009 e 2010 são os destaques em termos de apartamentos tripartidos, com média de 38 apartamentos tripartidos. No entanto, no ano de 2011 se observa uma clara redução no número de unidades que apresentam a tripartição setorial.

As Figuras 6, 7 e 8 representam graficamente a convenção tipológica desenvolvida para cada setor funcional, tomando como base a convenção desenvolvida por Brandão (2003).

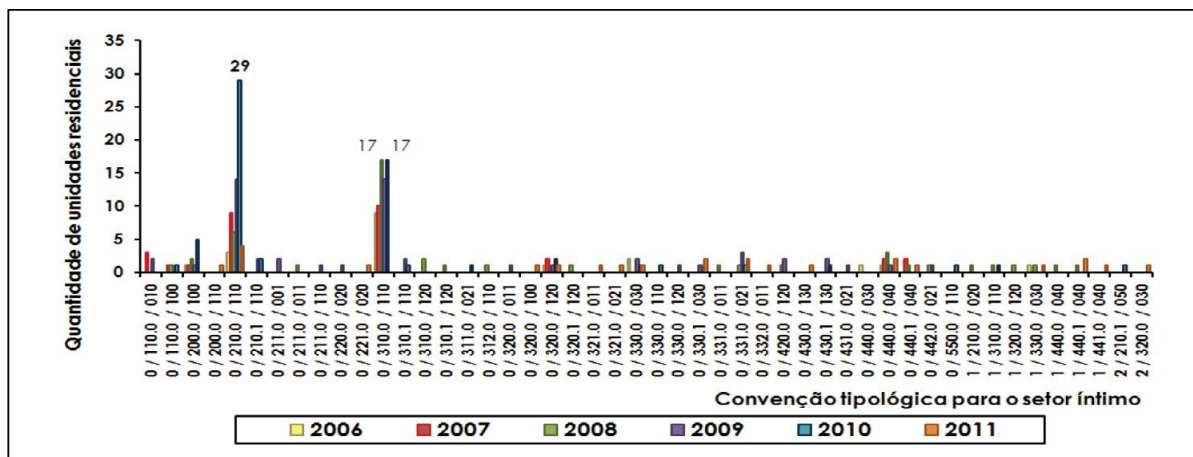
Figura 6 – Convenção tipológica para representar o setor social



Na Figura 6 o destaque está para a convenção tipológica do setor social 10 / 1100.0 / 0 (varanda social, sem varanda gourmet; sala de estar, sala de jantar, sem sala de estar íntimo, sala única e outros cômodos e sem lavabo), correspondente a 83,23% da

amostra, cuja incidência aumenta gradativamente até o ano de 2010 e decresce em 2011. É válido ressaltar que o ambiente da sala de estar íntimo, apesar da denominação, ora se encontrava no setor social – na maioria dos casos – ora no setor íntimo.

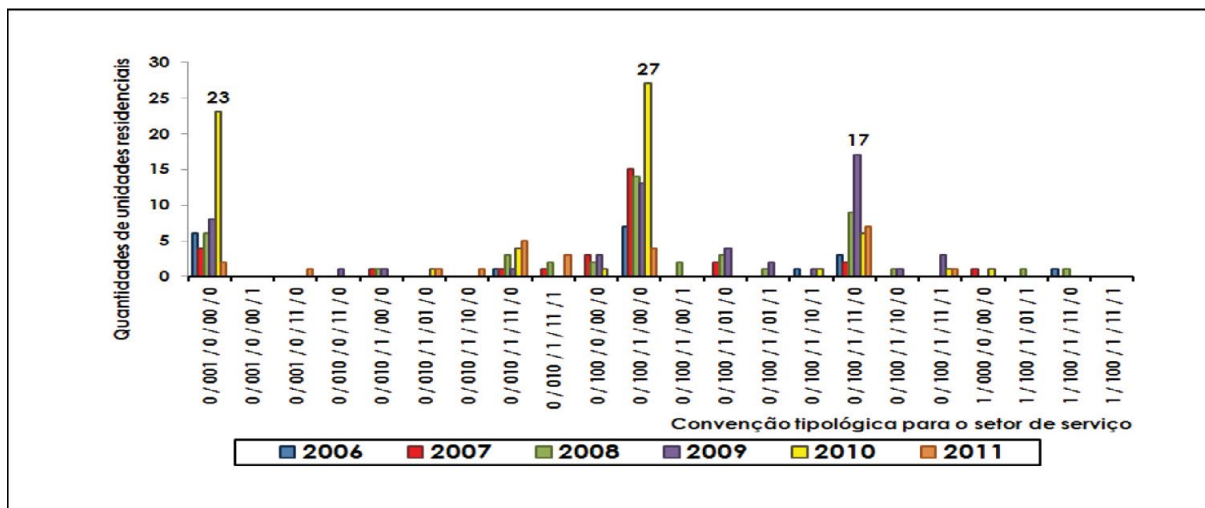
Figura 7 – Convenção tipológica para representar o setor íntimo



Já na Figura 7 as convenções tipológicas que se sobressaem em relação às demais são as do tipo: 0 / 210.0 / 110 (sem varanda íntima; dois quartos, sendo um suíte, sem outros cômodos; com banheiro social e banheiro de suíte, sem banheiro reversível), com destaque para 2010 e 0 / 310.0 / 110 (sem varanda íntima; três quartos, sendo um suíte, sem outros

cômodos; com banheiro social e banheiro de suíte, sem banheiro reversível), igualmente destacadas nos anos de 2008 e 2010, cujos percentuais respectivos são: 18,01% e 21,12%. É pertinente salientar que o banheiro social, apesar da denominação, encontra-se no setor íntimo.

Figura 8 – Convenção tipológica para representar o setor de serviço

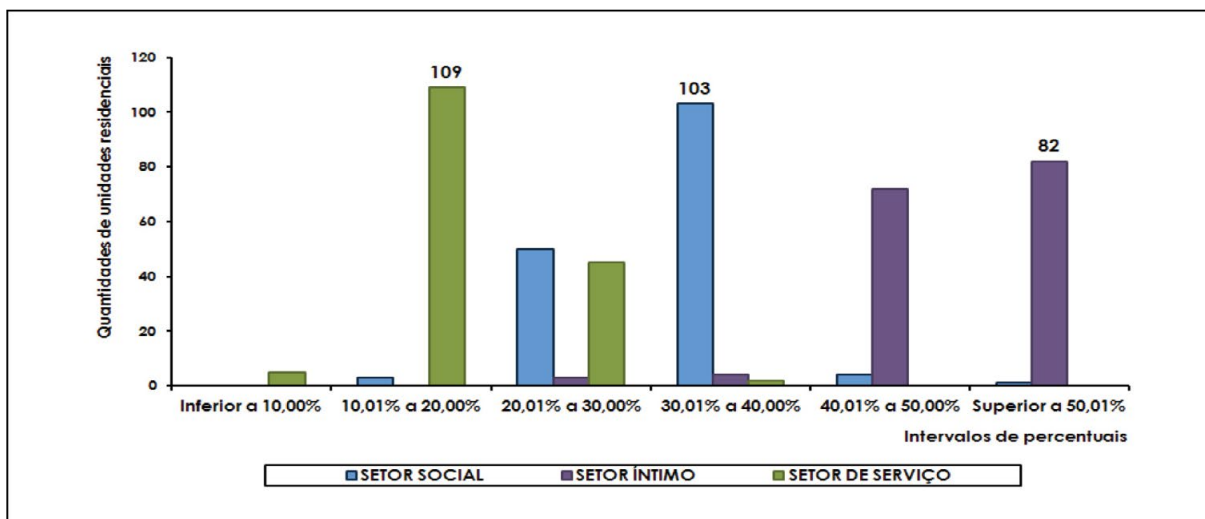


A Figura 8 apresenta a convenção tipológica para o setor de serviço, dando ênfase a 0/100/1/00/0 (sem copa; cozinha, sem copa/cozinha, sem cozinha/serviço; área de serviço; sem quarto de serviço e WC de serviço e sem outros cômodos), correspondendo ao percentual de 16,77%, isso em 2010, que é o grande destaque. Segue com as convenções 0/001/0/00/0 (sem copa; sem cozinha e copa/cozinha, com cozinha/serviço; sem área de serviço; sem quarto e WC de

serviço e sem outros cômodos) e 0/100/1/11/0 (sem copa; com cozinha, sem copa/cozinha e cozinha/serviço; com área de serviço; com quarto de serviço e WC de serviço e sem outros cômodos), com os respectivos percentuais e anos: 14,29%, em 2010 e 10,56% em 2009.

A Figura 9 consiste na representação gráfica dos percentuais destinados a cada setor do apartamento.

Figura 9 – Percentuais de área destinados a cada setor do apartamento, estratificado em intervalos



Da Figura 9 é possível constatar que houve maior concentração de cada setor em intervalos de área diferentes. Nota-se que é reservado o maior espaço para a zona íntima, uma vez que em 95,65% das unidades esse setor ocupa entre 40,01% e 69%

da área total do apartamento. Vê-se também que as unidades destinam ao setor social uma percentual de área variando de 20% a 40%. Percebe-se ainda que para o setor de serviço se destina a menor

porcentagem de área, em torno de 10% a 30% da área total do imóvel.

6 Conclusões

No Brasil, especialmente na cidade de João Pessoa-PB, percebe-se ainda muito forte a influência da tripartição burguesa na habitação. Comprova-se isso a partir da quantidade de apartamentos separados em setores funcionais, que representa, nesse estudo, 67% do total de apartamentos da amostra.

Considerando as convenções tipológicas propostas para cada setor do apartamento, é possível concluir o predomínio de unidades com: varanda social, sem varanda íntima, sala de estar e de jantar, sem lavabo; de dois a três quartos, sendo apenas um suíte, banheiro social; cozinha, área de serviço e sem dependência completa de empregada (quarto e banheiro de serviço); além de não apresentarem outros cômodos, tais como espaço/varanda gourmet, semi-suíte, banheiro reversível, rouparia, closet e escritório.

No tocante aos percentuais de área reservados a cada setor da unidade habitacional, constatou-se que ao setor íntimo é destinado o maior espaço do apartamento, possivelmente por congregarem a maior quantidade de cômodos. Verificou-se também que ao setor de serviço se destina o menor percentual de área, mesmo as demais zonas funcionais dependendo diretamente dele. Leva-se a reflexão sobre a possibilidade de isso estar associado, ainda, a segregação social, remetendo-se a estrutura da casa grande-senzala, visto que esse setor ainda é conotado como espaço de rejeição.

Por fim, ressalta-se a importância desse trabalho para o setor da construção, como um meio de caracterização dos projetos arquitetônicos executados nos últimos anos, em termos de organização espacial. Com isso, também se abre um espaço para a proposição de novos layouts, a partir de lacunas observadas no mercado pessoense.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, D. Q. Tipificação e aspectos morfológicos de arranjos espaciais de apartamentos no âmbito da análise do produto imobiliário brasileiro. 2003. **Ambiente Construído**, v.3, n.1, p.35-53, jan./mar. 2003. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/view/3441/1855>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Ângela Maria Moreira. Varandas nas Moradias Brasileiras: do período de colonização a meados do século XX. **Revista Tempo de Conquista**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, mar./2007. Disponível em: <<http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC1/HELENALACE1.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

CAMARGO, Érica Negreiros de. **Desenho e Uso do Espaço Habitável Do Apartamento Metropolitano Na Virada Do Século 21**: Um olhar sobre o tipo “dois-dormitórios” na cidade de São Paulo. 2003. 220p. Dissertação (Curso de Pós-graduação Strictu sensu). Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: < http://www.mioruro.com/libros/libros%20arq/Departamentos_Erica-negreiros.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

CAMPOS, C.F; RIBEIRO, S. M. A; SOUZA, G. H. P. de. A Evolução do Espaço Cozinha na Residência de Belo Horizonte: Tendências no Contexto Arquitetura e Design de Ambientes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN. 2008, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.modavestuario.com/218tendencianocontextoarquiteturaedesigndeambientes.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2011.

COSTA, J.D.L; SÁ, L. M; SILVA, M. B.M. F. da; OLIVEIRA, P.R.; MEIRA, A.R. Tipologia Construtiva: uma Análise dos Cômodos em Apartamentos na Cidade de João Pessoa. 2013. **Principia**. (Artigo aceito para publicação).

GRAEFF, Edgar Albuquerque. **Edifício**. São Paulo: Editora Projeto, 1986, 3ª edição, v.7, 146p.

MAURO Filho, R., FREITAS, E. M. de; FERREIRA, F. M. Estudo da Evolução da Ênfase da Oferta Comercial em Anúncios de Marketing Imobiliário. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE LARES: REAL STATES E OS EFEITOS DA CRISE FINANCEIRA, 2009, São Paulo **Anais...** São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.lares.org.br/2009/images/182-348-1-RV.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

PINHEIRO, M. L. B. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v.16. n.001, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. p.109-149.

QUEIROZ, F. A. de. **Apartamento modelo**: arquitetura, modos de morar e produção imobiliária na cidade de São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola

de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-06032009-161821/>>. Acesso em: 21. Fev. 2012.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas das Plantas:** viviendas/habitación. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. 2006. 311p.

TRAMONTANO, M. **Habitación Moderna:** a construção de um conceito. São Carlos: EESC-USP. 1993. 71p.

TRAMONTANO, M. **Espaços domésticos flexíveis:** notas sobre a produção da 'primeira geração de modernistas brasileiros'. São Carlos: Nomads, Núcleo de estudos sobre habitación e modos de vida. [1993]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/T01-espacosdomesticosflex.pdf>>. Acesso em: 14. mar. 2012.